



MUSEARI 2025-08-17
EXPOSICIÓ / EXPOSICIÓN / EXHIBITION

ávidavida

Dori Nigro i Paulo Pinto

Tant en solitari, en duo, amb amics, familiars o comunitat, la pràctica performativa expandida compon el corpus d'obra d'aquests artistes, companys de vida i art, que parteixen dels seus territoris sensibles per conrear altres possibles terrenys. L'acció performativa, cuinada com un gest en directe, mastegada, empassada, rumiada, digerida pel vídeo/fotografia, desafia el duet, que s'arrisca a provocacions per qüestionar realitats establertes. Les obres presenten un corpus de preocupacions, preguntes, traumes i re/elaboracions on prevalen temes com la identitat, l'afectivitat, la memòria, l'ascendència, la pertinença i els llegats colonials. Els registres d'imatges performatives són extensions de les recerques corporals dels artistes. Són *ebós*, rituals de santeria de vides àvides, ofrenes ancestrals per a reparacions, llançades al món com a benediccions per ser escampades sobre incerteses.

ávidavida

Dori Nigro y Paulo Pinto

Ya sea en solitario, en dúo, con amigos, familia o en comunidad, la práctica performativa expandida compone el corpus de trabajo de estos artistas, compañeros de vida y arte, que parten de sus terrenos sensibles para cultivar otros posibles. La acción performativa, cocinada como un gesto vivo, masticada, devorada, rumiada, digerida por video/fotografía, desafía al dúo, que se arriesga a la provocación de cuestionar realidades establecidas. Las obras presentan un corpus de inquietudes, preguntas, traumas y reelaboraciones donde prevalecen temas como la identidad, la afectividad, la memoria, la ascendencia, la pertenencia y los legados coloniales. Los registros de imágenes performativas son extensiones de las investigaciones corporales de los artistas. Son *ebós*, rituales de santería de vidas ávidas, ofrendas ancestrales de reparación, lanzadas al mundo como bendiciones para ser rociadas sobre las incertidumbres.

ávidavida

Dori Nigro and Paulo Pinto

Whether performed solo, in duo, with friends, family, or community, the expanded performative practice composes the body of work of these artists, companions in life and art, who depart from their sensitive soils to cultivate other possible grounds. The performative action, cooked as a live gesture, chewed, swallowed, ruminated, digested by video/photography, challenges the duo, who risk provocations to question settled realities. The works present a corpus of concerns, questions, traumas, and re/elaborations where themes such as identity, affectivity, memory, ancestry, belonging, and colonial legacies prevail.

The performative imagery records are extensions of the artists' *corporesearches*. They are *ebos*, santeria rituals of avid lives, ancestral offerings for reparations, launched into the world as blessings to be sprinkled over uncertainties.

ávidavida

Dori Nigro e Paulo Pinto

Ora ativado a solo, em dupla, com amigos, familiares, comunidade/s o fazer performativo expandido compõe o conjunto da obra dos artistas, companheiros de vida e arte, que partem de seus solos sensíveis para amansar outros chãos possíveis. A ação performativa cozinhada como gesto (ao) vivo, mastigada, engolida, ruminada, digerida pelo vídeo/fotografia, des(a)fia a dupla que se arrisca em provocações a questionar realidades acomodadas. As obras apresentam um corpus de inquietudes, perguntas, traumas, re/elaborações onde prevalecem temas como identidade, afetividade, memória, ancestralidade, pertencimento, heranças coloniais. Os registros imagéticos performativos são extensões dos corparquívios dos artistas. São ebós de vidas ávidas, oferendas ancestrais a fim de reparações, lançadas ao mundo como bênçãos a serem pulverizadas sobre in/certezas.

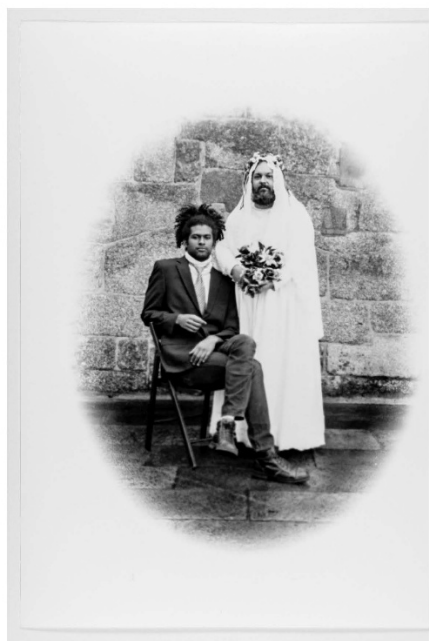
Obres / Obras / Works

1. *Fotopintura de Dori Nigro e Paulo Pinto*, provocação poético-performativa em parceria com os Mestres Abdon e Maria Alves. Juazeiro do Norte, 2015.
2. *2x4*. Dori Nigro e Paulo Pinto, série fotográfica em parceria com Karlos Nogales. Santiago de Compostela, 2016.
3. *Exu na Álvares Cabral*. Dori Nigro (2021) <https://youtu.be/BDqMpoURW9E>
4. *Abati-uaupé*. Paulo Pinto (2022) <https://youtu.be/cnMFJFRSsSk>
5. *Adoçar a alma para o inferno*. Paulo Pinto (2023) <https://youtu.be/WTDKRQIWGX4>
6. *Banzo*. Dori Nigro (2023) <https://youtu.be/HxTTT9MsebA>
7. *(Re)para, experimento de liberdade*. Dori Nigro e Paulo Pinto (2025). <https://youtu.be/AoDhCzbFuTI>



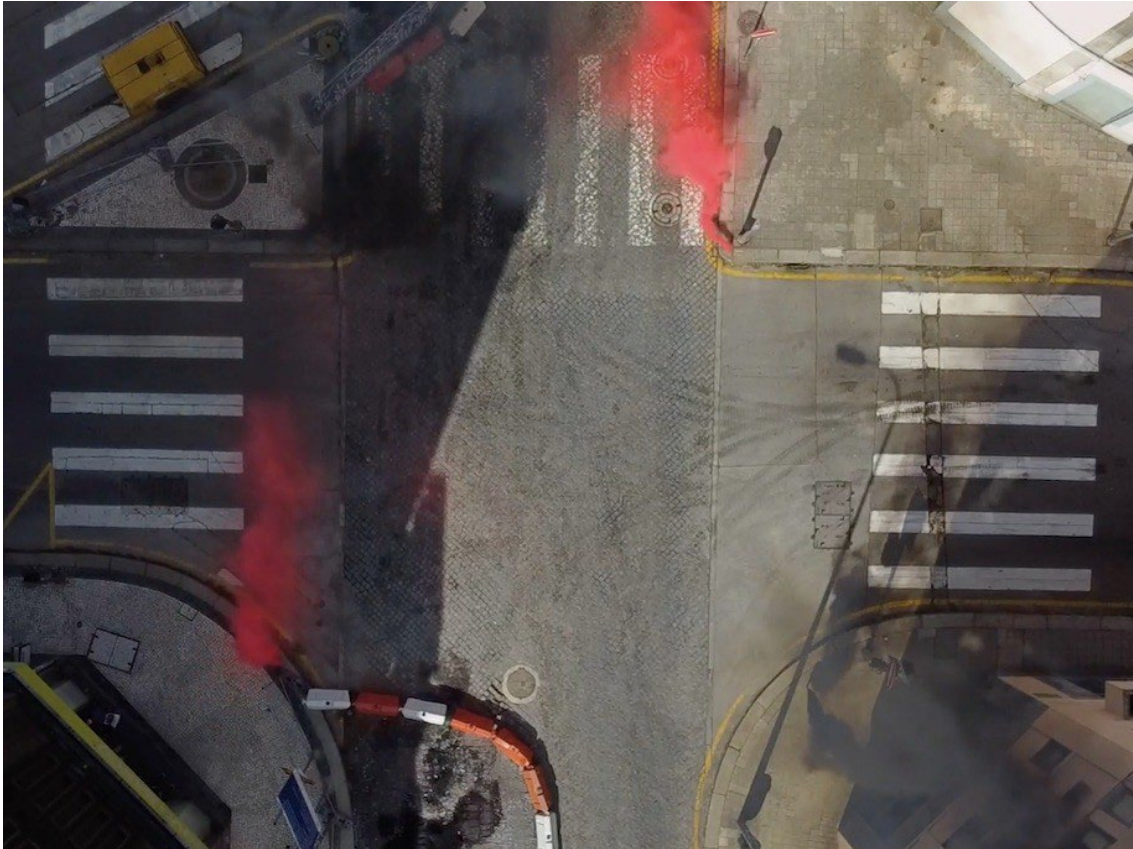
1. *Fotopintura de Dori Nigro e Paulo Pinto*, provocação poético-performativa em parceria com os Mestres Abdon e Maria Alves. Juazeiro do Norte, Brasil, 2015.

A imagem é uma provocação aos modelos tradicionais de casal e família (do Nordeste do Brasil). A fotopintura é um tipo de registro amplamente encontrado na memória das paredes das casas de inúmeras famílias dessa região. Ela despontou como uma possibilidade de colorir imagens em preto e branco, desejosa de chegar mais perto da realidade. O fascínio pelo acesso à cor fez com que a técnica se espalhasse pelo Nordeste, na altura, região com menos acesso à tecnologia. Assim, a reinvenção da imagem e memória familiar tornou-se uma poética de resistência cultural. O colorir de imagens em preto e branco tornou-se uma habilidade extraordinária aos fotógrafos da região, sem obrigação de domínio estético acadêmico, agregando outros membros da família ao processo criativo. O caminho da colorização inicia-se pela ampliação da fotografia, geralmente em 3x4, em preto e branco, mapeamento do rosto em detalhes, proposição de pintura de fundo que destaque a pessoa representada, o desenho ficcional da indumentária e acessórios evidenciando a poética da re/criação de realidades. Em confronto com as imagens de casais tradicionais, do nordeste brasileiro, geralmente marcados pelo patriarcalismo, como herança colonial, essa imagem nos faz pensar sobre os inúmeros enfrentamentos vividos nos espaços onde transitamos socialmente, familiares e não, que infelizmente também atropelam outras pessoas.



2. 2x4. Dori Nigro e Paulo Pinto, série fotográfica em parceria com Karlos Nogales. Santiago de Compostela, Espanha, 2016.

Partindo do universo mí(s)tico das antigas câmeras tipo caixa-preta (minutera), os artistas respondem aos interditos dos tempos/espacos com registros de terremotos poéticos, revelando as quimeras da imagem e dos conceitos. Na artesanaria dos retratos populares de outrora os rituais da vida são desenhados pelo atravessamento da luz, da mão na escuridão, do papel a boiar entre líquidos, mergulhado na fugacidade desejante de cotidianos mais gentis. As composições desafiam a tradição, a vergonha, o preconceito fomentados pela heteronormatividade. São *cartes de visite* para honrar velhos/novos álbuns de casamento, família.



3. *Exu na Álvares Cabral*. Dori Nigro (Porto, Portugal, 2021). <https://youtu.be/BDqMpoURW9E>

Para as religiões de matriz africana/afroamericana Exu é o orixá dos caminhos, direções. Sua morada são as encruzilhadas, pontos de encontro entre diferentes mundos, espaço de força, transformação, onde oferendas/rituais são realizados a fim de buscar proteção, prosperidade, descarrego, estabelecer diálogo com entidades espirituais. Exu é o mensageiro responsável pela comunicação entre o Ayé (nosso mundo) e o Orum (mundo das deusas e deuses). Para garantir o bom trânsito entre esses mundos é crucial fazer um ebó (oferenda) para Exu em sua morada. Um ebó serve para abrir caminhos, trazer prosperidade, afastar energias negativas, equilibrar a vida. Portugal, em sua devoção aos "descobrimientos e heróis", cultura como patrimônio público as heranças coloniais que perpetuam xenofobia, racismo, machismo... Ruas, praças, espaços de saúde/educação/cultura etc., celebram nomes duvidosos. Imigrantes de vários mundos, cruzados pela forçada colonização, procuram hoje nesse país um lugar de sonho, paz, reparação. Na única encruzilhada da rua Álvares Cabral ("descobridor do Brasil"), na cidade do Porto, fizemos um ebó para Exu, para curar o país do delírio e do trauma da colonização.



4. *Abati-uaupé*. Paulo Pinto (Porto, Portugal, 2022)
<https://youtu.be/cnMFJFRSsSk>

Antes de nascer as pessoas que mais amava já haviam começado a morrer. Minha avó paterna, trabalhadora rural, descendente de povos originários, “escolheu” partir no tempo da colheita do arroz. O arroz, “milho d’água” ou “abati-uaupé”, como chamam os povos tupis, necessita de água em abundância para florescer. A lembrança de minha vó na memória da infância de meu pai é partilhada com chuva nos olhos e esperança nas sementes. Partir, às vezes, não é “escolha” é o(b)r(ig)ação de sobrevivência. Caminho devagar, suportando meu peso e o peso de minhas “escolhas”, e das memórias de pessoas que amo que fizeram “escolhas” diferentes das socialmente impostas pelo machismo. Em silêncio danço minha o(b)ri(g)ação, alimentado pela ruralidade feminina ancestral. No (des)equilíbrio da dor - de um corpo mapeado por traumas físicos/mentais - o passo miúdo é a pequena festa, chove sonhos de sementes.



5. *Adoçar a alma para o inferno*. Paulo Pinto (Porto, Portugal, 2023).
<https://youtu.be/WTDKRQIWCX4>

Em 2012, ao chegar em Portugal para estudar, Paulo Pinto investigou arte cemiterial, registros de pessoas mortas e as suas relações com o seu lugar de origem, no Brasil, visitando cemitérios. Ao deambular pelo de Agramonte, no Porto, deparou-se com o jazigo de Joaquim, e a estátua a si dedicada de autoria de Soares dos Reis, com um painel onde consta uma ode elogiosa pela sua ação benemérita, embora sem nunca referir que esta foi realizada às custas do sequestro, escravidão e outras violências diversas contra 10 mil pessoas africanas. Indaga-se: em morte fez mais que em vida... com que intenção? O açúcar refinado espalha-se entre flores, também de açúcar, sobre seu nome, sobrenome e títulos, bem ao gosto da tradicional doçaria portuguesa conventual. Há doce que amarga mais a alma que o paladar.



6. *Banzo*. Dori Nigro (Porto, Portugal, 2023).

<https://youtu.be/HxTTT9MsebA>

Derivado da palavra quimbundo "mbanza", que significa "aldeia", encerrava um sentimento pungente de melancolia em relação à privação da terra de origem e uma profunda aversão às condições opressivas enfrentadas pela população negra escravizada. Encarnando, essencialmente, um estado de depressão causado pela privação da liberdade, banzo era, também, uma forma predominante de resistência contra os maus-tratos e o trabalho forçado. Nesta obra, Dori Nigro reflete sobre o banzo, nas suas dimensões poética e política, como ato revolucionário.



7. *(Re)para, experimento de liberdade*. Dori Nigro e Paulo Pinto (2025).
<https://youtu.be/AoDhCzbFuTI>

Travessias em busca de (re)conhecimento nos percursos da arte/educação nos levaram a aportar na Invicta cidade do Porto, Portugal há mais de uma década. Invictos não somos nós quando atravessados pelas des/ilusões coloniais, que sustentam os espaços acadêmicos e culturais. O Porto nos abriu a porta de acesso aos arquivos ao redor, adormecidos nos trajetos diários de quem não sabe ou não quer saber dos diários das invasões. Invadidos somos nós pelas águas, do rio Douro ao rio Fragoso, que nos arrastam, afogam, revolvem, enlameiam, banham, limpam, fecundam o chão permitindo verdejar (nossas) essências. O Porto aterra a Olinda, a Olinda desterra o Porto. Oh, linda situação para performar uma (in/feliz)cidade. Talvez o mote ecológico para reencantar cartografias sentimentais de uma nação ancestral.

Bio

Dori Nigro e Paulo Pinto são criadores, performers, arte/educadores, pesquisadores nordestinos (Pernambuco e Ceará), com vivência em Portugal e passagem pela Universidade Católica de Pernambuco, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Colégio das Artes da Universidade de Coimbra. Companheiros de vida e arte que criam ativando memórias afetivas, ancestralidade, herança colonial, cultura popular, educação, saúde mental. Cuidadores da LARoyê, casa/atelier de partilhas afetivas, criativas, ancestrais e do Laboratório dos Sentidos, oficinas de experimentação com práticas artísticas, arte/educação, arteterapia. Possuem produção reconhecida pelo Salão Único de Arte Contemporânea do SESC/PE; SPA das Artes de Pernambuco; Galeria Municipal do Porto; Museu de Arte Contemporânea de Serralves; Campus Paulo Cunha e Silva; Shuttle, Ágora; DGArtes – Direção Geral de Artes de Portugal.